

# Representações na imprensa brasileira da presença de Che Guevara no Brasil em 1961

Investigação em andamento  
GT 17 – Pensamento Latino-americano e Teoria Social  
ALBERTO DIAS MENDES

## Resumo

O tema investigado está localizado, historicamente, no ano de 1961, quando da presença do líder cubano Ernesto Guevara de La Serna no Rio de Janeiro, para receber das mãos do Presidente da República, Jânio Quadros, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

A condecoração do líder guerrilheiro virou notícia no Brasil e no mundo, com manifestações de apoio e oposição.

O artigo pretende: - Analisar as representações sobre o fato, por meio das notícias divulgadas pela imprensa brasileira; - Identificar o contexto em que se deu a visita de Che Guevara ao Brasil, seus antecedentes e suas consequências; - Discutir o significado do pensamento crítico de Che Guevara para a América Latina e seu legado teórico.

Palavras-chave: Che Guevara, imprensa, América Latina.

## 1 – Introdução: O contexto latino-americano no início da década de 1960

A América Latina, em vários aspectos, viveu momentos de ascensão e declínio, fruto da expansão capitalista na região, pois como afirmou Galeano (2009) “aqueles que ganharam foi graças ao que nós perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina inteira, como já se disse, a história do desenvolvimento do capitalismo”(p.18). Uma compreensão da formação do grande continente pode ser observada também em Marini (1998):

“A América Latina surge como tal ao incorporar-se no sistema capitalista em formação, isto é, no momento da expansão mercantilista europeia do século XVI. A decadência dos países ibéricos, que primeiro se apossaram dos territórios americanos, engendra situações conflituosas, resultantes dos avanços projetados pelas demais potências europeias.” (p.113)

A exploração capitalista do grande continente, intensificada pelos fatores evidentes das duas Guerras Mundiais, conheceu um ambiente de resistência que, infelizmente, não foi capaz de superar as forças civis e militares de direita que atuaram, de forma violenta, no interior das sociedades latino-americanas, aliadas aos Estados Unidos no pós-45. Apenas a experiência cubana, em 1959, logrou êxito, mas só confirmou sua adesão ao socialismo dois anos depois da chegada ao poder do grupo revolucionário, o que mudou, qualitativamente, o cenário político e social da região e acarretou o aprofundamento, por parte dos setores conservadores que governavam os outros países, da repressão aos movimentos sociais.

Vivia-se sob os efeitos do Acordo Geral de Tarifas e Comércio – GATT<sup>1</sup> – criado em 1947 por ocasião do fim da Segunda Guerra, tendo como consequência a criação de dois bancos que seriam os alvos dos países latino-americanos, o Fundo Monetário Internacional – FMI – e o Banco

---

<sup>1</sup> Sigla em inglês: General Agreement on Tariffs and Trade.

Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD. A partir de então, os países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos, selaram acordo que possibilitasse comercialização de seus produtos e o boicote aos países socialistas, aliados da União Soviética. Sobre essa questão, Guevara (1987) nos Textos Econômicos, no discurso “sobre a conferência de Genebra para o comércio e desenvolvimento”(p.97), afirmou:

“Imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, as potências imperialistas trataram de organizar a divisão do Mundo. Nesta altura, estava em causa fundamentalmente a preservação dos interesses econômicos dos Estados Unidos, a potência mais forte e a única que tinha saído incólume da guerra; foi assim que se formou o Fundo Monetário Internacional e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e que, depois, no ano de 47, se assinou a Carta de Havana e, logo depois, o Acordo Geral de Tarifas Aduaneiras e Comércio, cujas iniciais em inglês constituem a sigla GATT, nome pelo qual é conhecido.” (p.97)

Após 15 anos do fim da Segunda Grande Guerra, a América Latina passava por momentos decisivos e de tensões internas, principalmente por conta do avanço das ideias socialistas e do sucesso que a Revolução Cubana fazia, principalmente no imaginário juvenil, sedento por liberdade, justiça e mudanças. Foi então, em 1961, que o presidente dos Estados Unidos John Kennedy anunciou, em um encontro para os embaixadores latino-americanos, um plano de desenvolvimento para a América Latina, o que ficou conhecido como “Aliança para o progresso”, uma clara tentativa de isolar Cuba do restante do continente latino. A primeira reunião ocorreu em Punta Del Este, Uruguai, e durou 13 dias, de 5 a 17 de agosto daquele mesmo ano. O encontro foi realizado pelo Conselho Interamericano Econômico e Social – CIES – órgão ligado à OEA – Organização dos Estados Americanos.

Dentre os chefes de Estado presentes a essa importante reunião, um teve destaque especial e atraiu olhares do mundo inteiro. Era, nada mais nada menos, que o então Ministro da Indústria de Cuba, o Comandante Ernesto Guevara de La Serna, o Che Guevara. O discurso mais esperado daquela Conferência foi carregado de críticas contundentes ao governo americano e denúncia sobre os abusos cometidos contra Cuba. Guevara, ao afirmar que aquele era um encontro eminentemente político e não econômico, leu o item V do plano proposto por Kennedy em que constava uma referência à falta de liberdade de imprensa em Cuba.

O momento por que passava o Brasil no ano de 1961 era de crise, tanto do populismo quanto das instituições políticas (Dreifuss, 1981), o que facilitou o declínio de Jânio Quadros, ficando apenas sete meses na presidência. Há indícios de que um dos fatores que levaram à renúncia foi a condecoração a Guevara. Jânio Quadros (político até então independente) elegeu-se, com o apoio da UDN e João Goulart ocupou a vice-presidência, tendo sido apoiado pelo PTB herdeiro de Getúlio Vargas (coalizão de centro-esquerda). Em que pese as irreverências do novo Presidente, Quadros, assessorado pelo Ministro Afonso Arinos de Melo Franco, adotou uma política externa que propugnava pela “descolonização e desarmamento” (Wrobel, 1993, p. 195), uma aproximação maior com os países latino-americanos e maior visibilidade do Brasil para o mundo, medidas essas que ficaram conhecidas como Política Externa Independente – PEI.

Esse foi, abreviadamente, o contexto da passagem do revolucionário cubano pela América do Sul, inclusive o Brasil.

## **2 – Che Guevara no Brasil**

Evitando o plano da subjetividade esacerbada na análise das representações que foram feitas do Che pela imprensa escrita, sob as perspectivas apresentadas anteriormente, podemos recorrer à José Saramago (2001) para iniciar a questão:

“Che Guevara, se tal se pode dizer, já existia antes de ter nascido, Che Guevara, se tal se pode afirmar, a continuou a existir depois de ter morrido. Porque Che Guevara é só o outro nome do que há de mais justo e digno no espírito humano. O que tantas vezes vive adormecido dentro de nós. O que devemos acordar para conhecer e conhecer-nos, para acrescentar o passo humilde de cada um ao caminho de todos.”(p.09)

Assim, os referenciais do Che não levam em conta o indivíduo vazio, mas as construções históricas e ideológicas que permitiram fazer dele uma figura exponencial no pensamento latinoamericano, capaz de gerar repercussões por onde passava. Essas repercussões fizeram dele um símbolo. Excetuando-se os adjetivos que lhe podem ser atribuídos, o símbolo tem um sentido de poder, mas este, segundo nossa melhor referência, Pierre Bourdieu (1989), é conferido por nós, ou seja, está em nossa “crença na legitimidade das palavras” (p.15), no poder que as coisas têm.

A história pode não ser feita apenas por indivíduos isolados, mas, desde os últimos 50 anos, um nome ocupou destaque especial em jornais, revistas, livros, teses, dissertações e nas memórias de milhares de pessoas no mundo. Trata-se de Ernesto Guevara de La Serna, Che Guevara, ou simplesmente “Che”. Alguém imaginaria que esta interjeição usada para representar um “sotaque” regional viesse representar ícone de inegável projeção no pensamento político/revolucionário contemporâneo?

Não seria exagero parafrasear Marx & Engels (2001) no Manifesto Comunista nas notícias veiculadas pela imprensa burguesa (Sodré, 1999) sobre Guevara: “um espectro ronda a América Latina, é o espectro de Che Guevara”, conforme palavras utilizadas pelo então Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, publicadas pelo jornal “A Noite”, em 25 de agosto de 1961, sob título “órbita comunista” em referência ao então Ministro da Indústria de Cuba com as expressões “apátrida” e “aventureiro internacional”<sup>2</sup>.

O tema tem um recorte temporal determinado pelo momento de interseção entre a história de nosso país e a da América Latina, quando da presença do líder cubano Ernesto Guevara de La Serna no Rio de Janeiro, no ano de 1961, para receber, segundo estudos prévios já desenvolvidos, das mãos do então Presidente da República, Jânio Quadros, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul<sup>3</sup>, restabelecida por Getúlio Vargas por meio do Decreto 22.165, de 05 de dezembro de 1932.

Nesse momento conturbado, a “condecoração” do líder revolucionário virou notícia no Brasil e no mundo, com manifestações de todas as formas e por todas as forças políticas atuantes no país naquele momento. Isto porque a figura de Che Guevara continha uma simbologia grande no universo político e intelectual por ter participado, de forma decisiva, do processo que culminou na revolução cubana, com ascensão ao poder do grupo guerrilheiro comandado por Fidel Castro.

Sobre Guevara, podemos observar as afirmações de Paulino (1983), quando, na introdução do livro “Meu amigo Che” (Rojo,1983), afirma:

“O carisma de Che é uma realidade em todos os painéis do mundo, onde seu rosto aparece impresso em bandeiras de protestos, posters, livros, chaveiros, camisetas, numa repercussão jamais alcançada por nenhum líder político em toda a História – na sua morte, não houve poeta ou cantor que não lhe tenha dedicado seus versos ou

<sup>2</sup> Jornal “A Noite”, de 21/08/1961, pág. 03. Ref.: 10003110-16. Acesso em 02/07/2012, na página eletrônica da Biblioteca Nacional: [www.hemerotecadigital.bn](http://www.hemerotecadigital.bn).

<sup>3</sup> A Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul originou-se da extinta Ordem Imperial do Cruzeiro, instituída por Decreto de 1º de dezembro de 1822 de D. Pedro I, para assinalar de modo solene a sua Aclamação, Sagração e Coroação como Imperador Constitucional do Brasil e seu Defensor Perpétuo e em alusão à posição geográfica do país, sob a Constelação do Cruzeiro do Sul e também em memória do nome – Terra de Santa Cruz – dado ao Brasil por ocasião de seu descobrimento. A Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul foi abolida pela Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

canção. Foi amado, chorado e cantado em todo o mundo, numa demonstração de carinho só conseguida, talvez, por grandes ídolos da música jovem, em reconhecimento ao grande homem que sempre soube ser, ainda que isso não signifique, necessariamente, apoio às suas ideias e a sua forma de luta.”(p.15)

Em uma mesma direção, Lowy (1971) escreveu sobre Che Guevara:

“Cierto es que su vida es totalmente excepcional: Del estudiante de medicina asmático de Buenos Aires al comandante de guerrilla, del combatiente de la Sierra Maestra al presidente Del Banco Nacional de Cuba y, por último, del ministro de la Industria al guerrillero acosado y asesinado em Bolívia por obra de la C.I.A. Es una vida fulgurante, meteórica e ejemplar.”(p.01)

Poucos estudos existem sobre a passagem do guerrilheiro do grande continente latino pelo Brasil, que ocorreu em 1961. Além dessa visita, muito polêmica, não se tem registro fundamentado de qualquer outra passagem de Ernesto Guevara de La Serna pelas terras brasileiras.

Essa passagem, rápida por sinal, que Guevara fez pelo Brasil foi registrada pelos meios de comunicação, especialmente os jornais escritos da época, que intensificaram a notícia da vinda do Guevara antes mesmo da presença dele e continuaram após sua saída.

Sobre o Guevara existem infinitas obras, tanto biografias quanto livros, que contam sua história. Em, pelo menos, dois excelentes trabalhos sobre Che Guevara, temos referências à vinda de Che ao Brasil. Uma de Francisco Ignacio Taibo Mahajo, intitulada “Ernesto Guevara, também conhecido como CHE”, da editora expressão popular; outra, mais conhecida pelo seu autor, Jorge Castañeda, cujo título é “Che Guevara, a vida em vermelho”. Ambas não dedicam mais do que duas páginas à visita do revolucionário, contextualizando o acontecimento numa perspectiva geral da conjuntura da época e das relações que estavam sendo estabelecidas entre Cuba e os países da América Latina e entre estes e os Estados Unidos, tendo Cuba como uma exceção nesta relação bilateral “amigável”.

Mahajo (2011) fala da visita, situando-a sob um conjunto de encontros que Che estaria participando na América do Sul, começando pelo Uruguai, onde havia proferido um dos mais conhecidos discursos<sup>4</sup>, passando pela Argentina (segundo o autor, secretamente) até vir ao Brasil, antes de retornar a Cuba, descrevendo que “Em 19 de agosto, reúne-se em Brasília com o presidente Jânio Quadros. Uma reunião breve, que termina com uma declaração pública do presidente brasileiro de apoio a Cuba no que se refere ao direito de autodeterminação dos povos”.(p.355)

Castañeda(1997), por sua vez, fala da condecoração de Guevara com a “Grã-ordem do Cruzeiro do Sul”, abordando o aspecto polêmico da visita e da condecoração, já que o Che estaria passando pelos países da América do Sul a fim de fazer aliados políticos que possibilitassem tirar Cuba do isolamento político-econômico e constituir um bloco anti-norteamericano, o que ficou demonstrado, semanas depois, o objetivo ter sido sabotado.

Os dois autores citam, em suas obras, um fato que, em sua opinião, ainda resulta obscuro, necessitando maior aprofundamento para confirmação. Trata-se das renúncias do chanceler argentino Adolfo Mujica e do presidente brasileiro, Jânio Quadros. Ainda nos escritos de Mahajo (2011:355), a repercussão da passagem do revolucionário pela América Latina é bastante significativa, influenciando, inclusive, para a consecução do golpe de militar na Argentina, como narra na seguinte passagem:

“Alguns meses depois, os dois países que durante a conferência tinham manifestado um critério independente em relação aos Estados Unidos e mais particularmente a Aliança para o Progresso – Brasil e Bolívia -; e os dois presidentes que tinham se

<sup>4</sup> Discurso de Punta Del Leste, proferido em 08 de agosto de 1961.

reunido em particular com Che – Quadros e Frondizi -, o primeiro renuncia e o segundo é derrubado por golpe militar.” (p.355)

E continua Mahajo, sobre a imagem do Che produzida naquele período:

“Nessa época, na América Latina, Che era considerado muito perigoso, seu toque polarizava. Contra o que parece sugerir a imagem maquiada de aparência desenvolvimentista e democrática da Aliança para o Progresso, a opção parece se estabelecer entre a pequena e radicalizada revolução cubana e a ditadura militar apoiada pelos Estados Unidos.”(p.355)

Esse “perigo” representado pela figura do Che é retratado também na obra de Castañeda (1997), ao citar o ex-secretário de imprensa e porta-voz da Presidência da República, Carlos Castelo Branco que, em relato, testemunhou:

“Jânio saudou rapidamente o ministro revolucionário de Cuba que, em um informe simples, cansado e sonolento – viajara toda a noite, não parecia à vontade na cerimônia. O presidente colocou-lhe o colar no pescoço e entregou-lhe a caixa com o diploma e a medalha. Guevara agradeceu com poucas palavras. Depois, produziu-se um silêncio constrangedor. Jânio convidou o ministro a entrar em seu gabinete e, percebendo o embaraço do homenageado, voltou-se para seu chefe de protocolo e disse-lhe: “Ministro, tire este colar de Guevara”[...] No dia seguinte, começaram os rumores, que se confirmariam dias depois, de que vários militares estavam decididos a devolver suas condecorações ao governo em protesto contra o tributo a Guevara.”(p.247)

A imprensa burguesa naquele momento desferiu severas críticas ao Presidente Jânio Quadros por sua “ousadia” em condecorar Guevara. A presença do líder guerrilheiro causava verdadeiro incômodo aos setores de direita que reagiram, rapidamente, ao ato presidencial.

### **3 – A recepção pela imprensa da condecoração de Guevara por Jânio Quadros**

Um dos jornais da época “A noite”, em matéria de capa, sob o título “Ato decepcionante do Sr. Jânio Quadros”, no dia 19 de agosto de 1961 reportou:

“Che Guevara estará hoje em Brasília. Ao que se diz, solicitou através de interpostas pessoas, que o Sr. Jânio Quadros o convidasse para esta visita. Atendido, eis o aventureiro internacional no Palácio do Planalto. A que título? O homem não é sequer cubano. Com a audácia e o espírito sanguinário que caracterizam os atuais dominantes da infeliz nação centro-americana, tem influído no ânimo de Fidel Castro de maneira a trazer a desunião ao continente como cabeça de ponte para as insaciáveis ambições do imperialismo vermelho, sendo notória a sua filiação ao Partido Comunista. Que o Sr. Jânio Quadros assentisse em recebê-lo, já seria uma tolerância excessiva da parte do presidente da República de um país que cultivou e há de cultivar os princípios da Democracia. Mas que o condecure como se anuncia que fará hoje, com a Ordem do Cruzeiro do Sul, é demais.”<sup>5</sup>

A notícia está na parte central da primeira página do jornal, dirigido pelo ex-militante da União Democrática Nacional (UDN), Mario Martins, destacada por um quadrado no interior do qual um texto aparece em duas colunas. Algumas “palavras-chave” como “aventureiro” e “sanguinário” são

<sup>5</sup> A Noite, nº15.811, de 19/08/1961. Acessado em 12/07/2012, disponível na página [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br) Ref.: A NOITE\_I0003048-16.

significativas pois remetem às imagens que a imprensa internacional construiu sobre o Mito do Guevara, ao ponto de indicar que ele teria influenciado, sobremaneira, as ações do Comandante Fidel Castro. A referência ao “imperialismo vermelho” talvez seja uma das construções próprias daquele período da Guerra Fria, reduzindo a opção dos países aliados da União Soviética a uma imposição do regime comunista. O jornal começou a circular em 1911 e havia passado por várias fases, sobrevivendo a todas elas, até recolher-se definitivamente na década de 1960. Ainda nessa mesma matéria, o último parágrafo caracteriza mais ainda a imagem que os editores buscavam construir do líder revolucionário:

“A Condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, símbolo da noção da dignidade humana, cultivada por tantas gerações de brasileiros, não pode assentar-se num peito cheio de ódio faccioso, nem pode ser depositada em mãos tintas pelo sangue das condenações sumárias sem sombra de processo, nem qualquer respeito pela legalidade.”

A ideia principal dos editores é associar Che Guevara a um assassino comum, uma pessoa sem bondade, capaz de matar a qualquer preço sob a égide da impunidade. Essa manipulação era comum naquela época, em que o mundo vivia a Guerra Fria e a América Latina preparava-se para afastar o “perigo comunista”, representado pela Revolução Cubana, conforme fora anunciado por ele claramente no encontro de Punta Del Este:

Tengo que decir que Cuba interpreta que esta es una Conferencia política, que Cuba no admite que se separe la economía de la política y que entiende que marchan constantemente juntas. Por eso no puede haber técnicos que hablen de técnica, cuando está de por medio el destino de los pueblos. Y voy a explicar, además, por qué esta Conferencia es política; es política, porque todas las conferencias económicas son políticas; pero es además política, porque está concebida contra Cuba, y está concebida contra el ejemplo que Cuba significa en todo el Continente americano.<sup>6</sup>

A presença no Brasil aconteceu posterior à declaração de Punta Del Este, após a passagem de Guevara pelo Uruguai, quando representou Cuba naquela Conferência, que foi uma rodada de discussões sobre a proposta de Kennedy para a América Latina, chamada “Aliança para o Progresso”, ou seja, o início das articulações latino-americanas formuladas pelo governo dos Estados Unidos para agregar as nações politicamente aliadas à economia capitalista.

A edição do jornal “A Noite” de 22 de agosto de 1961 teve sua primeira página ocupada, quase totalmente, a falar sobre Cuba, exibindo no topo da página, área nobre de um jornal, as seguintes manchetes em letras enormes: “”A Noite” desvenda o segredo da carta que Guevara levou a Cuba” e “Papa pede a Jânio proteção para os católicos cubanos”<sup>7</sup>. A primeira notícia referia-se à carta entregue pelo Presidente Jânio Quadros a Che Guevara, pedindo tolerância religiosa e salvo-conduto para asilados políticos. Em matéria assinada, o jornalista Maria Martins, diretor do jornal, escreve novamente sob o título “A condecoração”, numa demonstração da indignação que lhe cometeu por ocasião do ato do ex-presidente Jânio Quadros. Mario Martins, que oscilava entre oposição e situação ao governo, militante político e partidário, escreveu:

“Antes, portanto, de haver sido noticiada a entrega da condecoração ao Sr. Che Guevara e a crise gerada por esse ato. Esse reparo é salientado para demonstrar que o

<sup>6</sup> Che Guevara, Ernesto de la Serna. Disponível em: [http://es.wikisource.org/wiki/Discurso\\_en\\_Punta\\_del\\_Este,\\_Uruguay,\\_8\\_de\\_agosto\\_de\\_1961](http://es.wikisource.org/wiki/Discurso_en_Punta_del_Este,_Uruguay,_8_de_agosto_de_1961), acesso em 09/09/2012.

<sup>7</sup> A Noite, nº15.811, de 19/08/1961. Acessado em 12/07/2012, disponível na página [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br) Ref.: A NOITE\_I0003072-16.

Sr. Jânio Quadros incorria na minha censura, caso a condecoração não tivesse o objetivo alto de torná-la o instrumento nobre da libertação dos refugiados antifidelistas que estão na sede da nossa Embaixada em Havana, sem licença para deixar o solo pátrio, dominado por uma ditadura sangrenta.”

O jornalista revela os argumentos do Presidente Quadros ao condecorar Guevara de que seria uma estratégia para aproximar-se do governo socialista de Cuba, a fim de ajudar em soluções diplomáticas para os conflitos políticos e militares ocasionados pela pressão norte-americana sob a América Latina para que isolasse Cuba, o que ficou evidente no Conclave do Uruguai. Ao final do parágrafo, a associação do regime cubano com uma “ditadura sangrenta” passa a ser um discurso comum na imprensa burguesa brasileira e latino-americana, dos setores da direita que estavam temerosos de que os acontecimentos em Cuba tomassem proporções continentais, medo esse evidenciado por uma pequena nota exibida no jornal Folha de São Paulo, sob o título de “Política na opinião alheia”, que era uma coluna dedicada a exibir pequenos trechos relevantes de outros jornais. Não é possível fazer maiores julgamentos sobre a nota, mas a matéria estava posicionada no canto inferior esquerdo da página 5 do primeiro caderno, quase imperceptível, que dizia:

### “SITUAÇÃO NACIONAL

Do “Estado de São Paulo”: A continuarem as coisas como vão, não há dúvida absolutamente nenhuma de que o terreno se tornará propício a um golpe. Este, de resto será o resultado lógico e inevitável das incoerências que por aí vão.”<sup>8</sup>

A presença do líder em território brasileiro representou, para os setores conservadores da política nacional, uma tendência de aproximação ao comunismo já que os ideais da Revolução cubana difundiram-se pelo mundo rapidamente.

O Jornal Diário Carioca, que circulou no dia 12 de agosto de 1961 foi um dos primeiros a noticiar a vinda do guerrilheiro cubano, segundo os editores uma informação que teria sido passada por pessoas próximas ao presidente Jânio Quadros. Na edição nº10.160 de 18 de agosto de 1961, o Diário Carioca revela que Cuba não assinou a “Carta de Punta Del Este”, como foi chamado o documento final da “Aliança para o Progresso”, na sua rodada do Uruguai. Isto porque Che Guevara denunciou a conspiração americana contra Cuba e as decisões pífias daquele encontro em que os Estados Unidos, por meio de seu delegado Douglas Dillon, dissera que “seu país só dará fundos a Cuba quando cair o governo de Fidel Castro”, numa atitude arrogante e repugnante. O debate sobre a política externa ocupava primeira capa por várias semanas e, ao lado da matéria anterior, no topo da página, uma notícia referia-se ao principal opositor do governo Quadros no Brasil, o governador da Guanabara Carlos Lacerda, com uma manchete que anunciava “Não admito se trate a Rússia melhor do que os nossos aliados”. O político tinha uma personalidade forte e já havia tecido várias críticas à política externa do então presidente.

O veículo de informação pertencente ao ex-militar da Marinha brasileira, José Eduardo de Macedo Soares, noticiou no seu número 10.161, de 19 de agosto de 1961 que Jânio condecoraria Guevara naquele dia. Mas foi na edição seguinte (10.162) que veio a notícia da condecoração, com o seguinte título: “Casa Militar não foi ver condecorar Guevara”, já aproveitando para criar um clima desconfortável entre o governo e os militares. O mesmo jornal, editado para domingo (20) e segunda-feira (21), trazia em sua manchete no topo da primeira página que “Jânio mandou prender por três dias a tripulação inteira de um jato da FAB”. Ao lado da foto de Jânio apertando a mão de Guevara, uma matéria sobre a renúncia de Carlos Lacerda, o principal opositor do governo, que não se confirmou.

<sup>8</sup> Folha de São Paulo. Primeiro caderno, edição do dia 22/08/1961, página 05. Acessado em 20/07/2013 em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1961/08/22/2>.

#### 4 – Considerações finais

Ao falarmos das representações na imprensa brasileira sobre a condecoração de Che Guevara, é inevitável que a primeira relação que façamos seja com a revolução cubana e a participação do líder revolucionário na mesma. E não poderia esperar algo diferente, sabendo que ele foi um dos maiores responsáveis pela vitória da guerrilha da Sierra Maestra, mais ainda porque o pensamento de Guevara está ligado às lutas libertárias latino-americanas (Lowy, 1971).

Sem dúvida nenhuma, a América Latina não foi a mesma após a vitoriosa revolução cubana de 1959 (SADER, 2005). Na apresentação da obra “Che Guevara – Política”, organizada por Eder Sader, o cientista político Emir Sader (2004) escreveu:

“Na era das imagens, comandada pela infernal máquina de propaganda estadunidense, a imagem mais vista pelo mundo afora não é de nenhum esportista ligado a alguma marca de tênis, nem de nenhum efêmero artista de sucesso da MTV, nem de algum protagonista de filmes de Hollywood. Todos passam como as estações do ano, tantas vezes nem deixando rastros ou lembranças. Nem as marcas que os patrocinam costumam ficar, tantas vezes levadas de roldão em escândalos das empresas que as produzem.

A imagem mais vista no mundo é a do Che. Não porque tenha se tornado marca de cerveja, não porque sua imagem tenha sido vendida para alguma empresa de telefonia celular ou porque tenha sido associada a um banco. Algum mistério que nenhuma teoria moderna ou pós-moderna da comunicação possa explicar.”(p.07)

O professor Sader resume bem o que representa Che Guevara para o mundo. E talvez seja esse sucesso seguro e involuntário a maior incógnita que perturba o sono de muitos ditadores espalhados pelo mundo, sem que consigam chegar à qualquer conclusão lógica acerca do que poderíamos chamar de “fenômeno”.

A figura de Che Guevara impunha medo e respeito em uma parte da população, enquanto a outra parte olhava-o como grande líder, revolucionário. Essa dualidade “amado e odiado” própria das personalidades mais notáveis da história teve sua importância por suscitar o debate e confronto de ideias sobre os regimes político-econômicos que existiam naquele momento, no calor dos acontecimentos.

A análise das representações de Che Guevara possibilitou inferir algumas questões que podem ser o início de novos estudos sobre o tema. Gostaria de destacar duas que julgo principais para esse começo do debate.

A primeira é de que temos na imprensa uma fonte rica de documentação sobre os acontecimentos que revelam detalhes importantes de momentos históricos. No entanto, é possível perceber uma vinculação nítida dos donos ou editores dos jornais com a trama política que estão noticiando, sem a preocupação com a imparcialidade. O jornalismo de Irineu Marinho, Mario Martins, Astrojildo Pereira e tantos outros, é politicamente posicionado e não tem receio das informações que veiculam. Há uma percepção atualmente de que deve existir uma “imparcialidade” no meio da comunicação, a fim de afastar o “juízo de valor”, talvez devido aos exageros daquela que não é mais chamada de imprensa, mas de “mídia”.

O segundo fator é o da própria condecoração de Guevara pelo Presidente Jânio Quadros, o que rendeu a este muitas críticas. Ainda é temerário vincular sua renúncia à presença de Guevara em nosso país, no entanto, os estudos apontaram que esse acontecimento contribuiu para aumentar a conspiração contra a dupla Jânio/Jango. Há ainda muito que ser desvendado sobre os acontecimentos que giram em torno da condecoração a Guevara, pois há registros sobre encontros e conversas dos quais não são



possíveis identificar fontes fidedignas, o que coloca em dúvida a credibilidade de qualquer afirmação sobre o assunto. O certo é que Guevara em ao Brasil depois da Conferência do Uruguai, em que discursou, passa pela Argentina, onde tem uma conversa rápida com o presidente Frondizi e chega ao Brasil, tem um encontro com Jânio Quadros durante um bom tempo, recebe a homenagem e volta para Cuba com uma carta do Presidente brasileiro pedindo a libertação de católicos, o que é atendido pelo governo cubano. Os setores conservadores atacam ferozmente o governo brasileiro por homenagear o revolucionário e acusam uma aproximação “perigosa” com o comunismo.

Duas hipótese precisam de uma investigação melhor para serem elucidadas. Uma delas procuraria responder se a presença do Guevara foi a confirmação de que a direita deveria intensificar as conspirações contra o governo popular. Outra responderia se a condecoração foi o fato que definiu a renúncia de Jânio Quadros.

O pensamento latino-americano enriqueceu-se, sobremaneira, com as intervenções de Che Guevara, um militante intelectual que comprova que sociedade e indivíduo não se anulam, mas constituem um paradigma dialético necessário às ciências sociais e à história. Assim, a imagem construída de Che Guevara como uma ameaça fica apenas na sombra daqueles que temem a justiça e a verdade, pois nunca se contentarão com as transformações operadas desde os de baixo.

## 5 – Referências Bibliográficas

- ANDERSON, P et al. *Balanço do neoliberalismo*. In: SADER, Emir (org.). *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- ARRIGHI, Giovanni. *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- BOURDIER, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara – a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2ª edição, 2010.
- COIMBRA, Cecília. *Operação Rio: o mito das classes perigosas – um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2001.
- DUMÉNIL, Gérard. *Ler Marx – Gerard Duménil, Michael Lowy, Emmanuel Renault*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas – A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987, 3ª edição.
- GUEVARA, Ernesto. *Política*. In: SADER, Eder (org.). São Paulo, Ática, 1988. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- \_\_\_\_\_. *El Diálogo Del Che em Bolívia*. La Habana, Cuba: Editora Política, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Lo que aprendemos y lo que enseñamos*. 01/01/1959. Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/guevara/59-apren.htm>, acesso em 10/10/2012.
- \_\_\_\_\_. *El socialismo y el hombre em Cuba*. 1965. Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>, acesso em 10/10/2012.
- \_\_\_\_\_. *Discurso ao receber o título de Honoris Causa na Unviersidade de Las Villas*. <http://www.marxists.org/espanol/guevara/59-honor.htm>, acesso em 10/10/2012.
- HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX – de 1914 a 1991*. São Paulo, Companhia das Letra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Como mudar o mundo – Marx e marxismo (1840-2011)*. São Paulo: Comapanhia das Letras, 2011.

- HOLLOWAY, Jonh. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo, Viramundo, 2003.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética – A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O futuro da filosofia da práxis – o pensamento de Marx no século XXI*. 2ª ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
- \_\_\_\_\_. *As ideias socialistas no Brasil*. São Paulo: Moderna, 2ª edição, 1995.
- LENIN, V. I. *O que é marxismo*. Rio de Janeiro: independente. 70 anos de revolução russa, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O Estado e a Revolução*.
- LOWY, Michael. *El pensamiento del Che Guevara*. Ed. Siglo XXI. 1971.
- \_\_\_\_\_. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão Münchhausen – marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez Editora, 1994, 5ª edição revista.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre a recepção do marxismo na América Latina*. In: Barsotti & Pericás. *América Latina – história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998.
- LOWY, Michel (org.). *O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da dependência*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Subdesenvolvimento e revolução*. In: Barsotti & Pericás. *América Latina – história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1978, pp. 101-132.
- \_\_\_\_\_. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1978, pp. 323-404.
- \_\_\_\_\_. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo, Hucitec, 9ª ed., 1993.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Tramas do mal: a revolução de outubro no plano das representações (1917-1921)*. Rio de Janeiro. UERJ, mimeo, 2000.
- NEVES, Lucia Maria Bastos P..MOREL, Marco. FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. Ferreira (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A/LAMPARINA, 2007.
- PAULINO, Analdino Rodrigues. *Che morreu como queria: Lutando*. In: ROJO, Ricardo. *Meu amigo Che*. São Paulo: Edições Populares, 1983, p. 9-15.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Guevarismo e os caminhos da revolução*. In: Barsotti & Pericás. *América Latina – história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998.
- PÉRES, Manolo Monereo. *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PIOTTE, J. M. *La ideologia*. In: *El pensamiento político de Antonio Gramsci*. Ed. Cadernos de cultura revolucionaria, 1ª edición. Octubre, 1973, pp. 109-125.
- PLEKHANOV, Guiorgui V. *O papel do indivíduo na história*. São Paulo, ed. Expressão Popular, 2000.
- REMOND, Renè. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, 2ª edição.
- RIOUX, Jean-Pierre. *Entre história e jornalismo*. In: AGNÉS, Chauveau & TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- ROJO, Ricardo. *Meu amigo Che*. São Paulo: Edições Populares, 1983.
- SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- SADER, Emir (org.). *Pós- neoliberalismo – as políticas sociais no Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A esquerda latino-americana no século XXI*. In: LEHER, Roberto. SETÚBAL, Mariana. (organizadores). *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. São Paulo: Cortez, 2005.

SARAMAGO, José. *Breve meditação sobre um retrato de Che Guevara*. In: PÉRES, Manolo Monereo. *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SOSA, Derocina Alves Campos. *Imprensa e História*. Rio Grande: Biblos, nº19, 2006.